

# COLÓQUIO

## Letras

EDUARDO LOURENÇO  
*Uma ideia do mundo*



ALMA MATER STUDIORUM  
UNIVERSITÀ DI BOLOGNA

Martedì 4 dicembre 2007, ore 17.00  
Aula Absidale di Santa Lucia  
Via de' Chiari, 25/a - Bologna

## CONFERIMENTO LAUREA AD HONOREM

Martedì 4 dicembre 2007  
Aula Absidale di Santa Lucia



Il Rettore  
dell'Alma Mater Studiorum - Università di Bologna  
Pier Ugo Calzolari

Il Preside  
della Facoltà di Lingue e Letterature Straniere  
Alberto Destro

sono lieti di invitarLa  
alla Cerimonia  
di conferimento della  
*Laurea ad honorem*

a

Eduardo Lourenço de Faria

in

Letterature e filologie europee moderne



Ufficio Cerimonie  
e-mail: [ucerimonie@unibo.it](mailto:ucerimonie@unibo.it)

L'invito è da esibire all'ingresso

DUPLA PÁGINA ANTERIOR  
Convite para a cerimónia  
de doutoramento *honoris causa*  
pela Universidade de Beira

## O pensamento português, o crítico e a exceção

ROBERTO VECCHI

A OBRA DE Eduardo Lourenço, os quase 65 anos de militância intelectual que é só o apogeu de um empenho a 360° no âmbito da cultura, aliás não só portuguesa, põe em crise muitos saberes disciplinares. Ela não só é heterodoxa no melhor sentido do termo, em relação a cânones e escolas, o oposto de qualquer ortodoxia, mas configura-se mais como um movimento, uma oscilação constante do pensamento entre polaridades, tempos, imagens distintas. E isto define já num modo peculiar, desde logo, não só uma posição crítica precisa da «estação» filosófica do futuro crítico, literário e cultural, mas também um olhar analítico e de «exceção» em torno de um contexto histórico estagnante como aquele português dos anos 50 onde, com forças e meios distintos, os extremos ideológicos se embatiam num jogo dialéctico apenas aparente, porém incapaz de dar conta da história e das crises daquela época. Já aqui, na *Heterodoxia* que recolhe os escritos filosóficos dos exórdios, mas que se tornará estilema de grande parte da produção do intelectual português, é presente uma visão precocemente trágica, a consciência de um resto que resiste e que não se dissolve nas oposições, ao ponto de tornar inútil a procura de uma síntese que não existe, mas que se esforça por enquadrar o pensamento em constelações mais complexas e problemáticas. Se a história de Portugal foi sempre lida numa dialéctica problemática entre o Atlântico e a Europa, entre a deriva imperial e as raízes continentais, Eduardo Lourenço procurará pensá-la nos seus movimentos combinados e não disjuntivos, nos seus contrapontos, nos seus condicionamentos e transformações recíprocos.

Heterodoxia então que conscientemente se move, livre, numa pluralidade de territórios — da filosofia à estética, da crítica literária e cultural à filosofia política — que aparentemente poderiam parecer heteróclitos, irreduzíveis e fugidios. O ensaísmo de Eduardo Lourenço, sem dúvida o mais amplo, profundo e maduro exercício crítico que a cultura portuguesa produziu nos últimos cinquenta anos, é pelo contrário um ensaísmo marcado por uma

extraordinária convergência de linhas de força, por uma íntima coerência que sutura planos diversos, aparentemente distantes. No plano da forma, poder-se-ia dizer que ela encontra o seu modelo expressivo mais eficaz no ensaio, na análise lúcida, cortante, mas de qualquer modo controlada, de um objecto em que — tal como a narração em relação ao romance — não se pode conceber nem sequer uma vírgula a mais. No plano teórico, então, como foi dito por um dos seus leitores mais perspicazes, o filósofo José Gil, os ensaios de Eduardo Lourenço são o documento vivo de uma crítica trágica, justamente, que se configura também como uma verdadeira teoria crítica.

Isto torna difícil situar univocamente uma obra ramificada e viva cujo centro profundo é constituído por um empenho ético constante em relação ao presente e à história, ao destino de um País. Fugidio e inapreensível em termos definidores absolutos, acima de tudo o pensamento de Eduardo Lourenço — e a este respeito todos os seus leitores estão de acordo — manifesta-se numa forma lúcida e inconfundível; é, em suma, uma prosa pensante. Na biografia de Eduardo Lourenço a intensa actividade da crítica literária que empreende, sobretudo a partir do início dos anos 60, é considerada como uma etapa fundamental que, num certo sentido, substitui o abandono dos estudos filosóficos ortodoxos e prenuncia o aprofundamento da crítica cultural particularmente intensa a partir da década de 70, ou seja, na transição dos dois «Portugais» — de que Eduardo Lourenço realça mais as linhas de continuidade que as de descontinuidade, à maneira do Garrett das *Viagens na Minha Terra* — determinados pela linha de divisão provocada pela Revolução dos Cravos em 1974, com o ocaso do secular imperialismo ultramarino.

Na verdade, a literatura e o acto crítico provocado por esta são o verdadeiro centro, o verdadeiro âmago do pensamento de Eduardo Lourenço, que atravessa sem fracturas todo o arco da sua obra ensaística dando profunda unidade e coesão ao conjunto multiforme dos ensaios. A literatura é o grande objecto analítico do crítico, seja qual for a latitude ou o âmbito em que se move. A literatura, a nacionalidade literária, funcionam — para o pensador que cedo toma, já nos anos 50, o caminho de uma errância fora de Portugal, ainda que o país permaneça o centro obsessivo da sua interrogação — como um relicário ou um arquivo das imagens fundadoras de Portugal enquanto pensamento e problema. Portanto, não nos referimos apenas às grandes revisões da modernidade literária portuguesa, à definição de um modelo de leitura ontológico da poesia de Fernando Pessoa que valoriza a modernidade do gesto fundador de uma dramaturgia poética e filosófica radical e ofuscante, ou às discussões fundamentais, sobre o presencismo ou sobre o neo-realismo, orientadas para uma problematização que tem como núcleo fundador o conhecimento e o pensamento, e não apenas a reflexão estética. Nem sequer às contribuições para uma compreensão daquela teoria de clássicos — Camões, Garrett, Antero

de Quental... — que criam os alicerces de uma nação literária que atravessará as glórias mas sobretudo as tragédias de uma história traumática, salvaguardando os ícones fundamentais da sua identidade.

Na literatura, Eduardo Lourenço que como crítico contribuiu como poucos, na segunda metade do século xx, para redefinir a sua ontologia e a exegese, distingue ainda um núcleo trágico fundamental do pensamento, aquele do conflito entre o realismo fundador da Literatura e a linguagem presa na luta consigo própria, com a sua relação imediata com o «real». Nesta visão lacanianiana de um «real» sempre impossível, o crítico retalha porém a sua posição fundamental, aquela de se pôr sempre numa espécie de «estado de excepção» em relação à obra, ou seja, de habitar sobretudo aquele fora que a obra voluntariamente excluiu, chegando então a definir a acção do crítico como a de quem «não é chamado a compreender a obra mas a reconhecer nesta (pelo menos em parte) as razões que impedem a sua compreensão».

Esta condição de excepção — e a excepção tem sempre um aspecto irredutivelmente trágico — torna-se importante também para compreender a posição que Eduardo Lourenço e o seu pensamento crítico tiveram na crise histórica de Portugal, na circunstância da Revolução dos Cravos, com a ruptura da secular sequência atlântica de Portugal, a dissolução do último império colonial europeu cujos alicerces ainda que seculares se dissolveram no arco de poucos meses, com a maciça repatriação de mais de 600 mil «retornados» das ex-colónias e uma perspectiva europeia ainda vaga no horizonte de uma democracia reconquistada mas bastante frágil.

Aqui, o olhar simultaneamente externo e interno à história de Portugal de Eduardo Lourenço, que lembra o dos «estrangeirados» portugueses do século xviii — intelectuais que iam à Europa já iluminada para se aproximarem das outras culturas europeias e efectuar uma contaminação sistemática da própria —, renova a tradição de um «pensamento português» novecentista (António Sérgio, António José Saraiva, Agostinho da Silva, entre outros) que assume, na prova da história, uma fisionomia definida, não só em abstracto, mas também no plano da política.

É precisamente o pensamento de Eduardo Lourenço a iluminar os anos também difíceis e confusos da recém-restabelecida Democracia, com obras-chave tais como *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, de 1978, onde, com uma abordagem heterodoxa mas em simultâneo rigorosíssima, conduz uma atenta anamnese da história portuguesa, estruturando-a com base num modelo psicanalítico que se debruça sobre a série negada de traumas de que é pontilhada a história nacional desde as suas origens. A análise recai principalmente sobre as «imagens» culturais que Portugal produziu de si — conservadas em prevalência, justamente, no arquivo da Literatura — e oferece-se um material de extraordinário interesse para a

interrogação sobre as consequências das fases mais críticas das vicissitudes pátrias (do universalismo imperial construído por uma nação minúscula à perda da independência na época da monarquia dual, da progressiva consciência da distância da Europa na época moderna até à construção de um império africano póstumo em pleno século XX, destinado a tornar-se o verdadeiro detonador, com a guerra colonial, da crise do regime totalitário).

Entre as ideias mais fortes deste pensamento está certamente aquela de que entre o imaginário e a realidade nacional existe uma assimetria profunda e orgânica. Portugal como representação (de um império universal que se fez portador dos princípios de civilização e de fé da Europa) não coincide absolutamente com o seu ser, a estrutura concreta da nação. Tal hipertrofia da imaginação sobre a realidade pode assim ser assumida como uma potente chave de interpretação do destino português. De facto, vinte anos mais tarde, em 1999, Eduardo Lourenço retomará a mesma matéria ainda incandescente, definindo um outro pilar crítico do pensamento português, *Portugal como Destino. Dramaturgia Cultural Portuguesa*, onde é problematizada a presumida ideia radicada de que a história portuguesa seria regida por uma providencial força miraculosa capaz de reservar, de qualquer modo, à periferia da Europa um destino superior de povo eleito. E uma vez mais a abordagem crítica é sobre o presente, desta vez constituído pelo limiar do milénio, quando a crise portuguesa parece já destinada a tornar-se a condição ontológica do país, antes centro móvel imperial e actualmente apenas litoral periférico de um continente, a Europa, em aparente estado de amnésia.

A perspectiva de uma hipertrofia cultural portuguesa em relação à realidade factual é, além do mais, a chave com que Eduardo Lourenço, nos anos 80, enfrenta o tema da Europa a partir justamente da sua vertente atlântica periférica. O resultado interpretativo não é menos brilhante: Portugal não teria sofrido nenhum trauma na aceleradíssima descolonização que em poucos meses — em 1975 — revira a sua geografia imperial, exactamente porque os territórios ultramarinos existiam num plano tipicamente imaginário, ou seja, eram vistos já como *outro* em relação a si e portanto o luto pela sua mutilação é vivido com uma serenidade em muitos aspectos surpreendente. Daqui origina-se outro conceito-chave, aquele da «hiper-identidade portuguesa» que dá conta das excrescências míticas sobre as quais por muito tempo se sustenta o conúbio historicamente complexo entre nação e império, onde desempenha um papel decisivo a ideia irrealista e prodigiosa de um povo português eleito e predestinado entre todos os povos.

À Europa, Eduardo Lourenço, intelectual português residente noutra Europa não ibérica, dedica páginas decisivas que trazem à luz, entre outros, um aspecto uma vez mais fundamental: o estudo de caso de Portugal contribui para iluminar melhor o sentido de uma Europa com dificuldade em construir-



-se, em reencontrar a sua identidade. A crise portuguesa torna-se, assim, uma forma de ler e discutir a crise geral do continente, atormentado também por uma não coincidência entre a realidade e a sua auto-representação, entre ser e imagem. Portanto, uma vez mais é a excepção que revela o funcionamento da norma.

O débito que todos temos em relação a este pensamento é enorme. Actualmente o «pensamento português», já sem nenhuma pretensão universalizante, pode também ajudar-nos a pensar e a repensar-nos num tempo europeu que se pode constituir unicamente aceitando as tantas alteridades, próprias e impróprias, de histórias e identidades que o fundam. E actualmente também Portugal se pode repensar em relação às minas da sua história e no labirinto da Europa, e fazê-lo sem temor de olhar para os fantasmas — por demasiado tempo insetos — do passado e para as fantasias de um centro que na verdade só pode sê-lo em função do polimorfismo e da mobilidade dos seus mitos e do seu imaginário. Mas isto, sobretudo, graças à heterodoxia trágica e pensante que aprendemos e que continuamos a aprender desta incomparável Lição.

*Texto da Laudatio proferida na ocasião do doutoramento honoris causa atribuído a Eduardo Lourenço pela Universidade de Bolonha a 4 de Dezembro de 2007.*